

UM ESTUDO DOS CONTEÚDOS PEDAGÓGICOS DE EDUCAÇÃO SEXUAL PRESENTES NO PROGRAMA TELEVISIVO “AMOR E SEXO” DA REDE GLOBO.

Elizane de Andrade¹

Sonia Maria Martins de Melo²

Resumo:

A pesquisa realizou um estudo dos conteúdos pedagógicos de educação sexual no programa televisivo da Rede Globo “Amor & Sexo”, em sua primeira temporada em 2009. O lócus da pesquisa foi o quadro “Strip Quizz”, que foi acessado através do site da emissora. Na metodologia utilizamos a análise de conteúdo de Bardin (2009), a luz do referencial teórico proposto por Nunes (1996) de uma Educação Sexual Emancipatória, partindo da categorização das Vertentes Pedagógicas de Educação Sexual presentes em programas educacionais da década de 80 no Brasil. A Investigação pautada no materialismo histórico-dialético, nos permite entender a sexualidade como decorrência da construção social da *práxis* humana. A análise tem apontado para a predominância de vertentes que visam um processo de alienação do ser humano quanto sua dimensão da sexualidade, resultado uma normatização velada de valores pautados no senso comum reafirmando estereótipos que fortalecem correntes desumanizadoras de educação sexual.

Palavras-chave: Educação Sexual Emancipatória; Programas de Televisão.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC – Brasil – pela linha Educação, Comunicação e Tecnologia, lizaudesc@hotmail.com

² Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC – Brasil – na linha Educação, Comunicação e Tecnologia, soniademelo@gmail.com

I - “Ah...vida real! Como é que eu troco de canal?”³: caracterizando o programa

A presente pesquisa teve por objetivo refletir sobre os conteúdos televisivos que produzem verdades a partir de enunciados, sobre o sexo e sobre a sexualidade, como foi a proposta do programa analisado o “Amor & Sexo” da Rede Globo de televisão exibido em rede aberta no ano de 2009 e disponibilizado no site da emissora como conteúdo para ser visto na íntegra mediante assinatura. Essas reflexões estão plenas da compreensão de que sou ser sexuado no mundo, e que os seres humanos sempre sexuados se educam uns aos outros, mesmo quando não percebem que o processo educativo está acontecendo. Isso porque não é possível compreender outras formas de se relacionar, de amar, de viver, se não nos reconhecemos primeiro no processo de construção de nossa sexualidade, processo este que deve ser intencional e reflexivo, contextualizado, compreendendo que estamos dentro de um sistema econômico que determina e é determinado pela cultura, as práticas, os discursos, as formas de produção, e se relacionar com a existência. Silva (2001) afirma:

“Desta determinação conceitual e ética nasce uma proposta política e institucional, a de construir uma educação sexual capaz de fazer a crítica dos papéis tradicionais e, ao mesmo tempo, decifrar e criar argumentos de superação dos discursos massificantes que entendem a sexualidade como mercadoria, o prazer como produto e a própria condição humana como uma questão econômica ou mercenária. Esta dimensão política nos impulsiona para uma abordagem crítica, histórica, analítica, educacional, ética e esteticamente libertadora, passível de ser pensada e vivenciada numa sociedade que venha a superar os padrões ditados pelo poder dominante, quer no campo das relações materiais, quer no campo das relações de poder e de reprodução ideológica e institucional.” (SILVA, 2001, p.69)

Como o processo educativo não acontece somente na escola e na família, mas em todas as relações sociais, nos mais diversificados espaços, agregadores dos seres humanos, onde as relações constroem conhecimento e cultura, aponto os espaços midiáticos como segmentos sempre educativos. Nessa direção programas televisivos sempre vinculam em seus conteúdos pedagógicos uma educação sexual, mesmo que educação sexual não seja explicitamente sua proposta.

Hoje a televisão com seus programas funcionam muitas vezes como uma fábrica de desejos e tem em seus repertórios programas com um requinte de nos “reunir a sua

³ Música “Vida Real” – composição Humberto Gessinger (Engenheiros do Hawaii) acesso:

volta”, como que numa fogueira contemporânea de raios coloridos que hipnotizam e “ditam” verdades, mostrando-se como um espetáculo, que compreendemos ser este apenas um show ficcional e por isso até acreditamos na idéia de termos o “controle”, em nossas mãos.

II - Mas “Como é que eu troco de canal?”. A análise:

Esse desejo de trocar o canal da vida real inicialmente representa uma fuga momentânea da realidade via algo que nos ofereça um pouco de fantasia, ou simplesmente entretenimento, é justamente o ponto onde o consumismo descobriu nossas fragilidades, e passou a nos vender sensações, com um “mix” de cores, imagens, sons, que momentaneamente muda para o canal da vida ficcional. Entender essas amarras, essas tramas pode nos levar a desejar sim mudar de “canal” diante da realidade, mas em busca de novos paradigmas, de novas formas de nos relacionarmos com esses instrumentos midiáticos. Já não é mais possível apenas ignorá-los.

Estes programas televisivos (com a temática explícita e intencional da sexualidade) acabam funcionando como *pseudo-consultórios* de auto-ajuda, geralmente baseadas em concepções distorcidas da psicanálise e dos referenciais da psicologia, promovendo um espetáculo a base de sensações, que em instantes, nos “tele-transportam” para longe da “vida real”, numa espécie de ‘terapia tecnológica’ como já nos apontou Nunes (1996). Manifesto também que as Vertentes Pedagógicas de Educação Sexual expressas naquilo que nomeamos de “conteúdos pedagógicos” do programa em questão muitas vezes chegam também até a comunidade escolar, já que quase todos os lares brasileiros possuem televisão, caracterizadas de uma aparente “liberação sexual” devido às falas descomprometidas, mas sempre ‘educativas’ que aparecem nesse veículo de informação, sempre educativo, mesmo quando não percebido. A professora Orofino em seu livro sobre mídias e mediações escolar (2005) afirma:

As tecnologias de comunicação que temos em nossas casas são desenvolvidas a partir de interesses de grupos e pessoas e de articulações mais amplas que têm como pano de fundo outras dimensões que são estruturais e históricas. Isto não significa, entretanto que não estejamos alerta para o fato de que a mídia tenha se tornado um dos mais poderosos setores da indústria contemporânea, contribuindo na produção de desigualdades e exclusões, não apenas na indústria de produção de bens simbólicos, mas também na sustentação simbólica e ideológica do modelo de capitalismo global que vivemos hoje. (OROFINO,

Reverendo todos estes aspectos no entendimento da educação como processo formativo permanente entre os humanos, refletindo sobre as comunicações, e o forte impacto que estas têm sobre tudo a nossa volta, inclusive nos processos educativos formais e não formais, percebo a análise dos conteúdos desse quadro do programa selecionado como o de maior relevância, o jogo do “Strip Quizz”⁴, a luz dos indicadores desvelados das Vertentes Pedagógicas de Educação Sexual. Percebo que enfrentei o desafio metodológico de construir assim uma estrutura que conseguisse contemplar recortes dos momentos do jogo “Strip Quizz”, que expressassem os indicadores desvelados como marcas pedagógicas de educação sexual explicitada a quem os assistiu.

Conscientes de que não é mais possível apenas tecermos críticas a televisão, mas com a entendendo que precisamos compreender o fenômeno e tecer a análise crítica dos conteúdos vinculados em sua programação, utilizando-os para problematizar a realidade a partir dessa produção “ficcional”, para promovermos uma formação mais consciente do ser humano, buscando a construção da autonomia e da reflexão crítica.

III - As vertentes pedagógicas de Educação Sexual e seus Indicadores desvelados no jogo do “Strip Quiz”:

As vertentes pedagógicas de Educação Sexual são categorias tipificadas por Nunes (1996), em sua tese de doutoramento de onde o autor vai abordar os pressupostos históricos da construção da sexualidade e suas expressões na educação brasileira. Essas Vertentes Pedagógicas de Educação Sexual são tipificadas em cinco categorias sendo que os indicadores desvelados a priori revelaram as expressões mais fortes de cada uma delas.

Na Vertente Médica-Biológica, e seus indicadores o - **determinismo biológico e o higienismo profilático** - desvelados no jogo do “Strip Quizz”, onde percebi que os

⁴ **strip**² - vt 1 desnudar. 2 despir-se. 3 despojar, esfolar, pelar, descascar. 4 Naut dismantelar. 5 tirar, roubar, privar. 6 separar as folhas (do fumo) do talo. 7 espanar, desgastar os dentes de uma engrenagem. 8 debulhar. 9 cortar em tiras. <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php?lingua=ingles-portugues&palavra=strip>

quiz - n 1 jogo ou competição em que se fazem perguntas para testar conhecimento geral. 2 exame oral ou escrito de um indivíduo ou grupo. • vt 1 questionar, interrogar. 2 aplicar um teste oral. <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php?lingua=ingles-portugues&palavra=quiz>

conteúdos pedagógicos expressos nesta vertente apenas reforçam estereótipos físicos corporais. Essa vertente baseia-se em reforçar as diferenças sexuais entre homens e mulheres para justificar desigualdades de gênero, enquadrando os sujeitos em verdades científicas de cunho médico biológico. Assim como menciona Nunes (1996):

Em muitas escolas e associações educacionais, igrejas, centros comunitários o discurso médico biologista foi um amplo reforço e uma técnica de coibir as práticas tidas como permissivas e aparentemente perigosas, pois mostravam ao adolescente e jovem o “tortuoso mundo da doença”, de uma sexualidade perversa, associando a expansão da sexualidade a pena da doença ou de moléstias resultantes da proliferação de doenças. Não se trata, portanto de uma educação, mas de um amedrontamento instrucional, pois não há vinculação direta entre expansão quantitativa de práticas sexuais e proliferação de doenças sexualmente transmissíveis. (NUNES, 1996, p. 142)

O prazer sexual nessa abordagem vem ligado ao corpo físico perfeito, saudável, malhado, bonito perante os padrões culturais fortemente influenciados pela mídia de massa por possuir o poder/saber de fabricar verdades que legitimam algumas práticas. Essas acabam por discordar de outras que não se encaixam no padrão, perpetuando modelos que precisam ser questionados, pois o corpo não deve ser entendido como se fosse apenas um organismo que precisa de um higienismo profilático. Em tempos de AIDS cumpre com a função da prevenção, disseminando informação e conscientização, pois o esclarecimento e o direito a informação é um direito sexual enquanto direitos humanos. Por dicotomizar o corpo, em partes e enxergar o sexo sem o afeto, o erotismo, o desejo e a sensibilidade, justamente o que caracteriza as relações humanas, sempre sexuadas, essa vertente aponta apenas para uma medicamentação do corpo e do sexo. O momento do jogo do “Strip Quizz” revelou-se pleno da vertente médico-biológica.

Já na Vertente Terapêutica-Descompressiva, expressa em seus indicadores - **espetacularização das práticas sexuais, do sexo e da sexualidade em pseudo-consultórios televisivos e a - a liberação sexual como motor estimulativo do consumo “mercadolatria da corpolatria”** – desvelaram-se em momentos selecionados no jogo “Strip Quizz”, nas falas dos convidados, em questões que reafirmam a “mercadolatria e a corpolatria”, pois funcionam como um estimulante ao consumo travestido de liberação sexual, ou seja, liberdade, mas para consumir, em se tratando de divulgar técnicas de auto-erotismo, com perguntas que, no quadro, funcionam como uma imposição desse padrão de beleza imposto, à custa de muito lucro da indústria farmacêutica, da cosmética, etc.

Nunes (1996) numa leitura Marcuseana nos alerta quanto as distorções e apropriações feitas do movimento de Revolução Sexual;

“A liberação sexual é uma variante da crise da modernidade burguesa, a liberação sexual vista em si, é um motor estimulativo do capitalismo consumista sexual, que transforma o corpo do homem e o corpo da mulher em formas cabais de mercadotratia de corpolatria e de venda de todos os produtos capazes de compensar a frustração existencial e de tornar-se a compensação ontológica pela quantificação de práticas sexuais”. (NUNES, 1996, p. 160)

Nesse receituário de “auto-ajuda”, de aparente “liberação sexual” que promovem liberdade apenas para consumir, assim como o aumento de cirurgias e procedimentos estéticos até desnecessários, mas sempre cada vez mais possíveis de serem adquiridos, desde que se possa pagar para ter o corpo esbelto, magro, malhado, significando uma excessiva comercialização do corpo, escravizando os sujeitos a um padrão quase inacessível pré-definido. Dificilmente se reflete que é a própria mídia (criada e usada por humanos) que impõem esses padrões de beleza expressando essa corpolatria. O momento do jogo “Strip Quizz” revela-se também como um espetáculo terapêutico nas questões do sexo e das práticas sexuais. Calçado em outro indicador dessa vertente, o da espetacularização da vida privada, apontando, o momento do jogo do Quizz foi como num receituário para as melhores preliminares, receitas essas que se analisadas transformaria as práticas sexuais numa grande prática comercial, numa “*desubstancialização do ser e a fetichização do ter*”, numa lógica capitalista de quantificação do sexo, apoiadas na aparente idéia de compensação das frustrações. Essas expressões utilizam-se das dúvidas e “problemas” relacionados às manifestações da sexualidade numa pretensa terapia tecnológica, via veículo midiático. E se apareceu em um programa da TV e foi dito por uma “celebridade” tem caráter de verdade, de seriedade, de possibilidade, já que é veículo formador de opinião.

Na análise do jogo do “Strip Quizz” na Vertente Normativa Institucional, expressa em seus indicadores - **normatização de regras e padrões morais já construídos e a institucionalização de relações padronizadas** - selecionei questões de fundo moralizantes, calcadas numa moral que historicamente deixou marcas visíveis na história da sexualidade, construída e inculcada a partir de mitos e tabus, que geraram preconceitos, medos e repressão. Muitas vezes apoiados em explicações biológicas para justificar o sexismo, e a desigualdade entre os sexos, reafirmando, com discursos do senso comum, personificados em mitos e preconceitos, em ensinamentos dicotômicos sobre o corpo e a alma, tudo nas entrelinhas desses enunciados. Nessa vertente e em seus indicadores as

práticas sexuais não reprodutivas são consideradas perversões. O poder moralizante da mídia (sempre produzida por humanos) funciona como uma grande instituição normativa, que reforça teses conservadoras presentes no imaginário social cultural, pois seus comunicadores, são humanos, sempre sexuados e frutos de uma constante “deseducação sexual” em nossa sociedade, reproduzindo exatamente um mesmo padrão. Nunes (1996) nos alerta quanto aos discursos normativos;

Um terceiro aspecto a ser observado sobre a sexualidade numa dimensão pedagógica é a proliferação dos **discursos normativos**. Tal proliferação dá-se, sobretudo, pelo predomínio de uma compreensão da sexualidade calcada sobre os critérios da ordem e da conservação institucional. Fora precisamente este o cerne da "incitação ao discurso para administrar e controlar que nos advertia FOUCAULT. Este discurso quase sempre, encampa as teses conservadoras presentes na cultura patriarcal brasileira e traveste-se de "orientação" ou de normatização para as novas gerações, realizada de maneira tradicional, através principalmente da Igreja e da Escola. (NUNES, 1996, p.171)

Essa vertente, na análise feita como expressão de normatizadora de padrões morais, que se justificam a partir de nuances da Vertente Médico-Biológica e de seus indicadores de higienismo e determinismo biológico, institucionalizando verdades, e perpetuando-se a partir dos enunciados inculcados pelas expressões das instituições normativas.

Nas reflexões sobre a Vertente Consumista Quantitativa Pós-Moderna, expressa em indicadores como - **A quantificação das práticas sexuais** e a **mercadorização dos afetos** - muito pertinentes quanto à quantificação do sexo e das práticas sexuais, pois, revela-se como uma verdadeira competição entre os humanos, o que transforma as relações e sentimentos em mercadoria. Facilmente manipulados e por isso também descartados. O que essa questão de fato expressa é a mercadorização dos afetos que é sustentada pelo nosso modelo de produção capitalista, que é operada numa lógica imperativa de mercado que influência diretamente as relações afetivas/sexuais, com um modelo da quantificação das práticas sexuais. Nunes, num diálogo com Marcuse, vai definir desta forma a sexualidade:

“a sexualidade, desejo e pulsão de vida, transforma-se em produtividade e técnica, pulsão de morte e poder, os mecanismos de encontro de um ser no outro, presente na sexualidade, não mais se realizam, alienando-se e extrojetando-se na quantificação e na deserotização do corpo” (NUNES, 1996, p. 198)

Ficou explicitado com os momentos do jogo do Quizz sobre ser a fantasia, exemplos explicitando uma idolatria dos corpos, um culto à fetichização, transformando o outro em objeto de prazer, numa objetuação das relações e do outro. É como se a vida, estivesse

calcada em valores descartáveis, sob lógicas imperativas do mercado, onde se transferem os mesmos padrões mercantis para as relações humanas, tornando os seres e os relacionamentos como coisas, e, portanto descartáveis e substituíveis. As práticas sexuais pós-modernas são colocadas como possibilidades de ousar, desde que se tenha dinheiro para tal, ou seja, como se o mundo fosse um mercado erótico e fetichizado pela pseudo-ideia de inovação, de mudança. Um verdadeiro erotismo descartável que nos torna uma “presa fácil” do capital e, portanto do consumo. Os meios de comunicação e neles os programas de TV, como grandes veículos transmissores desses padrões que alimentam estereótipos que se perpetuam revelando nas entrelinhas uma forma de objetualizar o outro, tornando-o uma propriedade.

Nas reflexões sobre a Vertente “Emancipatória Humanista”, expressa em seus indicadores que buscam - **uma compreensão da sexualidade como intrínseca ao existir humano, assim com uma educação intencional para a autonomia e humanização.**

Educação Sexual Emancipatória deve ter como pressuposto o conhecimento científico de dinâmicas histórico-conceituais das pertinências do tema, ser crítica dos fundamentos éticos-morais, destacar caracteres estéticos da atual dinâmica de vivências e papéis sexuais; deve ser criativa, e ao mesmo tempo cultural e politicamente aberta e livre. Esta educação é uma práxis para além da determinação moral-institucional tradicional (família, trabalho) e da base material da sociedade, em seus processos de consumo, sublimação e *virtualização* das representações sexuais vigentes (Silva, 2004, p.4) ⁵

Contemplando o momento do jogo do “Strip Quizz”, no desvelamento dessa vertente e de suas expressões, percebemos falas que pelo menos possibilitavam explicitar a contradição do ‘script’ que está posto. Essa manifestação não se deu pela pergunta em si, formulada pela equipe do programa, pois a estrutura, assim como o conteúdo das perguntas do roteiro apareciam basicamente sempre como expressões terapêuticas, mas houve respaldo individual de alguns convidados com falas sobre a possibilidade do prazer ser algo muito individual, e portanto manifestando-se de forma diferente de uma pessoa para outra, não podendo ser uma regra. Regra essa que o programa estava procurando criar, quando no enunciado de suas questões partia de premissas generalistas sobre medidas diferentes de prazer para homens e mulheres. Outra nuance de uma educação para autocompreensão, surgiu na fala onde uma participante menciona, que “*prazer tem no corpo todo*”, buscando superar a genitalização, apontando ruptura também com a

⁵ Fragmento extraído da justificativa do projeto de pesquisa “Produção e Socialização de Material Didático para Educação Sexual: um estudo em escolas de Florianópolis”, realizada na UDESC, sob orientação da Professora Doutora Edna Silva, em 2004.

normatização, a sacramentalização das práticas confessionais, terapêuticas, profiláticas e quantitativas, que ficaram evidentes nas vertentes anteriormente discutidas. Assim como nos fala curiosamente Foucault (2007):

Desde então nos tornamos uma sociedade singularmente confessanda. A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros. Confessa-se ou se é forçado a confessar. Quando a confissão não é espontânea ou imposta por algum imperativo interior, é extorquida; desencavaco-na na alma ou arrancam-na ao corpo. A partir da Idade Média, a tortura a acompanha como uma sombra, e a sustenta quando ela se esquiva: gêmeos sinistros. Tanto a ternura mais desamada quanto os mais sangrentos poderes têm necessidade de confissões. O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente.
(FOUCAULT, 2007 p. 68)

A sexualidade precisa ser vista e entendida como “dimensão ontológica”, podendo ser construída com um discurso científico e crítico, e ao mesmo tempo contra ideológico, contra a determinação oriunda das redes de dominação como, é o caso da mídia que em seus programas de televisão de forma amadora engendram verdades que só fazem reforçar pré-conceitos acerca do sexo, impedindo o ser de viver plenamente sua sexualidade, com autonomia e intencionalidade, compreendendo-se sexuado e construído histórico e socialmente, dentro dos aspectos culturais dessa sociedade. Mas dessas falas para a busca de plenitude de indicadores emancipatórios há um grande espaço a ser trabalhado. O conceito de emancipatório busca superar um conceito de alienação, que é “entregar ao outro”, ficando alienado de sua condição, o resgate do humano fica na contramão dessa alienação que passa por um processo educativo intencional para autonomia e para a humanização que promova uma verdadeira educação sexual.

IV – Aparente liberação ou uma normatização velada? Algumas considerações

Retomando todas as vertentes, após a análise de todos os momentos do jogo do “Strip Quizz”, tendo realizando uma seleção de momentos específicos para ilustrar cada indicador definido, percebi que a grande categoria que emerge das perguntas e respostas desse jogo do “Strip Quizz”, entremeada de todas as vertentes é uma normatização

travestida de uma aparente liberação. Ou seja, as falas, mesmo aquelas que se encaminham de forma higienista profilática de cunho médico biológico, as terapêuticas e a quantitativa pós-moderna apontam para uma espécie de norma, sutil, velada, subjacente enquadrando em padrões estabelecidos, embora o programa se proponha a uma idéia de liberdade sob uma bandeira da “não norma”.

À medida que fui me impregnando das falas transcritas, foi ficando cada vez mais evidente a exacerbação da normatização, na afirmativa quanto aos relacionamentos estáveis, e os parceiros fixos. Por exemplo, recorrendo ao aval da biologia para legitimar a informação que acaba por imprimir uma ‘norma’, que vem diluída na sutileza com que se encaminham e se padronizam determinadas falas, principalmente as da profissional de medicina, que representou o saber médico-biológico, assim como as falas da apresentadora que faz o papel muitas vezes de incorporar um imaginário padronizado de pretensa ingenuidade.

Há que se questionar sobre qual caminho é mais terrível no processo de alienação. Saber da repressão explicitamente compreendendo os ditos e interditos, podendo de alguma forma se defender. Mas no caso de uma produção que utiliza-se de concessão pública, menciona fortemente desde o título do programa “Amor & Sexo”, que vai falar de dois temas polêmicos na história da humanidade, parte inseparável do existir humano, que pretende-se além de divertido, ser informativo, e nesse espaço realiza uma produção de conteúdos velados que engendram verdades e que fabricam normatizações subliminares para enquadrar o sujeitos.

Com a compreensão de que esses quadros do programa televisivo disponibilizado na página da emissora na internet devido à tecnologia de transmissão e decodificação dos dados poderiam e devem ser pensados como objetos pedagógicos expressivos de aprendizagem, e há que buscar aprofundar como estes a partir de uma análise crítica pode se reverter em propostas que podem subsidiar a construção de práticas mais humanizadoras e, portanto emancipatórias.

Nessa perspectiva a presente investigação, buscou incitar as discussões e reflexões sobre os programas de televisão, e nela nesse caso, o jogo “Strip Quizz” que exercem certo controle sobre os indivíduos, e ao mesmo tempo, engendram discursos voltados para públicos específicos, com conteúdos determinados, em programas que são produzidos para as massas, acessados, várias vezes em outros espaços porque já fazem parte de um forte imaginário constituído no senso comum, não propiciando condições de

uma audiência crítica desses sujeitos ‘telespectadores’ de se relacionarem com os temas, com os acontecimentos e com seu próprio espaço social, até mesmo em relação a sua vida cotidiana, parecendo tudo uma grande ficção.

Para pensarmos outras possibilidades de como nos relacionarmos com esses conteúdos, imagéticos, enunciados, há que refletir propostas como nos alerta Bruns (2009)⁶ “para construir um vínculo amoroso, é preciso disposição para investir na relação: postura que demanda tempo, criatividade/erotismo e especialmente coragem para correr o risco de ser feliz”. Esse é o nosso maior desafio.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas – São Paulo: Autores Associados, 2001.

BERNARDI, Marcello. **A deseducação sexual**. São Paulo: Ed. Summus, 1992.

BETTIO, R. W. & MARTINS, A. Objetos de aprendizado: um novo modelo direcionado ao ensino a distância. Documento online publicado em 17/12/2004: Retirado em 08 de julho, 2010 de <http://www.universia.com.br/ead/materia.jsp?materia=5938>.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. (2007). In C. L. PRATA & A. C. A. NASCIMENTO (Orgs.). **Objetos de aprendizagem**: uma proposta de recurso pedagógico. Brasília, D.F.: MEC, SEED. Retirado em 08 de julho, 2010 de <http://www.oei.es/tic/livro.pdf>.

BRUNS, Maria Alves de Toledo.; Almeida, Sérgio. **Sexualidade Preconceito, Tabus, Mitos e Curiosidades**. 1ª. ed. Campinas SP: Átomo e Alínea, 2004.

BRUNS, Maria Alves de Toledo. **A Pessoa Cega**: Erotismo e a Mídia. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. Vol 20, n.1, p 173 a 177, ano 2009. Acessado no dia 20 de janeiro de 2011 <http://www.bengalalegal.com/erotismo.php>.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: esta nossa desconhecida**. 11. Ed., São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237 p.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual**: retomando uma proposta um desafio. Ed. Londrina: UEL, 2001.

⁶ http://www.sexualidadevida.com.br/artigo_eu_quero_te_encontrar.htm

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV.** Educação e Pesquisa. [online]. 2002, vol. 25, no.1, p. 151-162. Texto disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100011. Último acesso: 24 de janeiro de 2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **TELEVISÃO & EDUCAÇÃO: FRUIR E PENSAR A TV.** 3ª. ed. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2006. v. 1. 160 p. Tese.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação ?.** 10. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 93p. <http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/listaLivro.jsp?proximo=10> acesso em 02/02/2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Ed. da UNESP, 2000. 134 p. <http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/listaLivro.jsp?proximo=10> acesso em 02/02/2010.

GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola: mito ou realidade.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

GOLDBERG, Maria Amélia Azevedo. **Educação sexual: uma proposta, um desafio.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

KONDER, Leandro. **O que é dialética.** São Paulo: Brasiliense, 1981. 87p.

LAGE, Louise. **A televisão como instrumento pedagógico.** Sd. acesso em 20 de janeiro de 2011. <http://www.louiselage.com.br/artigos/A%20Televisao%20como%20Instrumento%20Pedagogico.pdf>.

MELO, S. M.M. & POCIVI, R. M. de S. **Caderno pedagógico educação e sexualidade.** Florianópolis: UDESC, 2002.

NUNES, C e SILVA, E. **A educação sexual da criança.** Campinas, Autores Associados, 2000.

NUNES, César Aparecido. **Filosofia, sexualidade e educação: as relações entre pressupostos éticos, sociais e histórico culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual.** 1996 - Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação. SP.

NUNES, César. **Desvendando a sexualidade.** Campinas: Ed. Papiros, 1998.

OROFINO, M.I.R. **A mediação escolar na recepção televisiva.** Perspectiva (Florianópolis), Florianópolis/SC, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre a ciência.** Porto: Afrontamento, 1999.



SILVA, E. **A filosofia, educação e educação sexual:** matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de Freud, Reich e Foucault para a abordagem educacional da sexualidade humana. (Tese) Campinas: UNICAMP, 2001.

WADDINGTON, R. (2009). **Programa Amor & Sexo.** Rede globo de televisão. São Paulo, Brasil: serviço de teledifusão. Retirado em 02 de julho, 2010 de <http://amoresexo.globo.com/>.

WAS – WORLD ASSOCIATION OF SEXOLOGY. Declaração dos direito sexuais como direitos humanos. Hong Kong: WAS, 1999. Acesso em 11 de novembro de 2009. http://www.worldsexology.org/about_sexualrights_portuguese.asp